

## “Amuleto contra o vírus”: sentidos da escuta radiofônica entre pacientes hospitalizados

*“Amulet against the virus”: the sense of radio listening among hospitalized patients*

*“Amuleto contra el virus”: sentidos de la escucha entre pacientes hospitalizados*

Nilda JACKS<sup>1</sup>

### Resumo

O texto parte de uma reportagem do Caderno DOC (Jornal Zero Hora) com depoimentos sobre a presença de aparelhos de rádio no CTI (Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS) para tratamento da Covid- 19. Toma os depoimentos de pacientes e da equipe de cuidadores como fonte secundária para refletir sobre a recepção radiofônica, articulando-os com estudos desenvolvidos sob a linha de pesquisa, os quais buscaram o sentido da escuta. Essa foi uma estratégia possível diante da oportunidade oferecida pela reportagem, cujos dados eram inacessíveis por parte de pesquisadores da área.

**Palavras-chave:** Rádio; Recepção; Pandemia.

### Abstract

The text takes a report published in the Caderno DOC (Zero Hora Newspaper), with testimonies about the presence of radio devices in the ICU (Clinics' Hospital from Porto Alegre/RS) for COVID 19 treatment. Gather patients' and the team of caregivers' testimonies as a source to reflect on radio reception, articulating with developed studies about the line of research, which searched the meanings of listening. This was a possible strategie before the opportunity offered by the report, which data was inaccessible for the area's researchers.

**Keywords:** Radio; Reception; Pandemia.

---

<sup>1</sup> Doutora pela ECA/USP – Professora do PPGCOM/UFRGS – Bolsista PQ/ CNPq – E-mail: jacks@ufrgs.br – ORCID: [0000-0003-1625-2619](https://orcid.org/0000-0003-1625-2619).



---

## Resumen

El texto usa un reportaje del Cuaderno DOC (periódico Zero Hora) con testigos sobre la presencia de la radio en el CTI (Centro de Terapia Intensiva) para tratamiento del COVID 19 del Hospital de Clínicas (Porto Alegre/ RS). Toma los testigos de enfermos y del equipo de médicos y enfermeros como fuente secundario para reflexionar sobre la recepción radiofónica, articulando con estudios desarrollados sob la misma línea de investigación, los cuales buscaban el sentido de la escucha. Esa fue una estrategia posible delante la oportunidad ofrecida por el reportaje, cuyos datos eram inacésibles por parte de los investigadores del área.

**Palabras clave:** Radio; Recepción; Pandemia.

---

## Introdução

O título desse texto reproduz o de uma reportagem publicada em Zero Hora (ZH, Caderno DOC, 6 e 7 fev. 2021), jornal gaúcho fundado em 1964 e pertencente ao Grupo RBS, com circulação atual de 125 mil exemplares por edição (impresso e digital), o que corresponde aproximadamente a 863 mil leitores declarados (KANTAR IBOPE MEDIA, 2020).

A autoria da reportagem é da jornalista Larissa Roso<sup>2</sup> e do fotógrafo André Ávila, que em 29 de janeiro de 2021 passaram algumas horas no Centro de Tratamento Intensivo (CTI) do Hospital das Clínicas de Porto Alegre (HCPA), para flagrar um acontecimento comvente que envolvia doentes acometidos da Covid-19 em tratamento intensivo, entre a vida e a morte. A reportagem faz parte de um projeto concebido para a cobertura da pandemia do coronavírus em Porto Alegre, denominado “Diário do Front”<sup>3</sup>, com depoimentos semanais de dois médicos – um infectologista e uma intensivista – e uma enfermeira, os quais trabalham em três hospitais de referência no estado. Os depoimentos e reportagens foram publicados em ZH nas quartas e sextas-feiras, indo ao ar na Rádio Gaúcha+ nas terças e quintas-feiras, e podendo ser acessados no site GZH<sup>4</sup> os principais relatos.

---

<sup>2</sup> Foi agraciada, juntamente com Marcelo Gonzatto, com o Prêmio Pesquisador Gaúcho 2021, promovido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), por sua participação no combate à pandemia, sendo a matéria aqui analisada a mais notória da série feita por ela.

<sup>3</sup> A primeira edição do projeto foi de 1º de abril a 1º de outubro de 2020 e foi retomado no auge da crise sanitária em 2021 (ZH, 2 jul. 2021. p. 21).

<sup>4</sup> Disponível em: [www.gzh.rs/front21](http://www.gzh.rs/front21).



Segundo a referida reportagem, para animar os doentes, uma enfermeira<sup>5</sup> levou um velho rádio de pilha, o qual a acompanhara desde que o marido foi viver em outro país, para as dependências hospitalares. Ela conta que o rádio lhe fizera companhia para superar a ausência do companheiro e que isso a inspirou a doar o rádio para uso dos pacientes: “Olhei para o rádio um dia e pensei: ele me fez tão bem, me faz tão bem. Vou levá-lo para fazer bem para os pacientes”.

Os depoimentos contidos na reportagem sobre a presença do rádio são emocionantes, tanto de parte dos pacientes, quanto das enfermeiras e psicólogas que trabalham no setor. Ao ler a matéria, os relatos emocionados me remeteram a outra situação em que o rádio era protagonista, por ocasião da orientação de uma dissertação de mestrado – “Os sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular”<sup>6</sup> – cujo objeto era a recepção de rádio por mulheres da classe popular, muito pobres, moradoras da periferia de Porto Alegre. A orientação dessa pesquisa foi por e-mail, pois após o exame de qualificação do projeto, viajei para pós-doutoramento na Universidade de Copenhague/ Dinamarca. Nesse processo, por um período de dez dias recebi as histórias de vida das mulheres entrevistadas, contado sua relação com o rádio, o qual acompanhou suas trajetórias em diversas etapas, relatando a importância dele para enfrentar dificuldades e as rotinas diárias. À distância, e em processo de inserção em outro e novo cenário sociocultural, os relatos reconstruindo as realidades dramáticas daquelas brasileiras me impactaram muito. Emoção, tristeza e desconforto vinham à baila a cada novo dia e novo relato sobre as vidas sacrificadas das entrevistadas.

Foram esses dois fatos distantes no tempo que me levaram a escrever este texto<sup>7</sup>, tendo como referenciais teórico-empíricos algumas pesquisas de recepção radiofônica sob minha orientação (GRISA, 1999; MORAGINSKY, 2010; GUERIN, 2000), além da pesquisa integrada “Porto Alegre Imaginada” (JACKS et al., 2012), coordenada por mim, onde o rádio local foi analisado (GOLIN, 2010), tendo ainda como pano de fundo as pesquisas que compuseram o estado da arte dos estudos de audiência de rádio das últimas décadas (JACKS et al., 2008, 2014, 2017). Assim, a lógica do diálogo das

---

<sup>5</sup> Depoimento em: [www.gzh.rs/RadinhoDaAlta](http://www.gzh.rs/RadinhoDaAlta).

<sup>6</sup> Publicado como: “História de ouvintes. A audiência popular no rádio” (Jairo Grisa). O trabalho foi premiado pela Intercom como melhor pesquisa de rádio no ano de 2000.

<sup>7</sup> Apresentado ao Grupo de Trabalho Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias do XXX Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP, 27 a 30 de julho de 2021.



pesquisas em andamento com a produção do campo ganhou espaço na análise que segue, na tentativa de avançar organicamente no conhecimento da área.

Contudo, a oportunidade de aproveitar depoimentos – inacessíveis de outra forma – de pacientes com Covid-19 internados em uma CTI, os quais dão testemunho de sua relação com o rádio durante o tratamento intensivo – em um momento tão trágico de suas vidas e da humanidade –, foi uma decisão que deve levar em conta a precariedade dos dados jornalísticos para os objetivos desejados, pois foram configurados para um outro fim. Mesmo assim, o texto traz a fala dos sujeitos internados e da equipe cuidadora, questão tão cara aos estudos de recepção, o que não ocorre em pesquisas que tomam o discurso dos meios para identificar o suposto receptor construído por eles, quando o interesse é na audiência<sup>8</sup>. Esse tipo de análise nomeamos de “implicações da audiência” nas estratégias dos meios (JACKS et al., 2017).

Secundaria e indiretamente, por outro lado, subjaz a questão do trabalho de campo e a inserção do pesquisador nesse espaço-tempo, a qual muitas vezes foi confundida com a de repórteres, pois os procedimentos na coleta dos dados se assemelham, como no uso de entrevistas e, em certa medida, na observação direta ou indireta. Por esse motivo, como relatam Auyero e Grimson (1997), em certas circunstâncias de campo e frente a determinadas questões, os informantes veem na presença do pesquisador uma oportunidade de fazer alguma reivindicação “através da mídia”, confundindo-o com um repórter<sup>9</sup>, o que não foi o caso aqui tratado. Correlato ao primeiro ponto, ou seja, o dos instrumentos de coleta, explora-se aqui a oportunidade da utilização de dados secundários, nesse caso as entrevistas e observações publicados na imprensa. Essa é uma estratégia já realizada por muitas pesquisas de recepção ou de consumo midiático<sup>10</sup>, mais comumente analisando as cartas dos leitores ou de ouvintes de rádio, e ultimamente as postagens nas redes sociais<sup>11</sup>, em que opinam sobre conteúdos midiáticos ou mesmo compartilham-nos. Ou seja, mesmo sem entrevistar os receptores é possível captar aspectos parciais de suas relações com os meios de comunicação através de suas disposições de interagir com

<sup>8</sup> Em Meios e Audiências. A emergência dos estudos de recepção no Brasil (JACKS; MENEZES; PIEDRAS, 2008) classificamos como Outras Abordagens as pesquisas que analisam a recepção a partir do texto midiático.

<sup>9</sup> No caso relatado por Guber (2001), com o serviço de informação/ espionagem do governo argentino.

<sup>10</sup> Para uma diferenciação sobre essas abordagens, ver TOALDO; JACKS (2017).

<sup>11</sup> Em Meios e Audiências III (JACKS et al., 2017), há uma discussão sobre redes sociais e os estudos de recepção.



eles, nos espaços destinados a isso, os quais são cada vez maiores. Obviamente se a questão implicar práticas cotidianas dessa relação, as técnicas serão outras e deverão ser combinadas.

Em suma, a proposta aqui é analisar dados trazidos por uma reportagem, “estratégia possível” para flagrar a experiência extrema dos pacientes vitimados pela Covid-19 como receptores de rádio. Ou seja, é preciso ter em conta que o texto a seguir não é fruto de uma pesquisa empírica, não se trata de uma observação direta, tampouco teve condições de compor uma amostra dos sujeitos internados. O esforço analítico foi remeter as informações jornalísticas a um corpus conceitual de pesquisas de recepção de rádio para estabelecer algum tipo de reflexão sobre a situação dos internados na sua relação com o rádio.

### **Recepção de rádio: experiências antecedentes**

Em “Os sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular” (GRISA, 1999), o autor constata a existência de vários sentidos produzidos na recepção de uma rádio de audiência popular, entre mulheres de estrato baixo. Eles são ligados às razões que fazem com que as pessoas entrem em contato com o meio, às suas sensações durante as audições, e ao significado existente por trás dessa relação, na perspectiva do passado, presente e futuro.

O sentido mais constante e forte encontrado foi o de *solidariedade*, pois a rádio era vista pelas mulheres como promotora da ajuda, preocupada com os doentes, necessitados, desamparados e aflitos, que, sozinhos, não dão cabo de suas dificuldades.

O sentido *lúdico* era responsável pela promoção de alegria, do lazer e da diversão, pois o rádio serve tanto como apoio às situações adversas quanto como um instrumento de entretenimento. Surge como uma esfera de escape, na qual algum prazer impossível nas situações concretas da vida torna-se possível. O sentido *afetivo*, por sua vez, promovia uma certa intimidade das mulheres com a emissora estudada, pois ele não nega os sentimentos da ouvinte, mas vale-se dele para poder se aproximar.

Dos sentidos lúdico e afetivo adveio o de *parceria*, no qual o rádio tornava-se um companheiro em momentos de solidão das ouvintes, assim como durante o trabalho, quando não tinham com quem conversar. Com o sentido de *distinção social*, por outro lado, as ouvintes adquiriram a noção de si mesmas como parte de uma determinada camada social, uma espécie de consciência da sua inserção dentro da



malha social. Aliado a esse sentido, aparece o de *segurança ontológica*, com o qual as ouvintes obtêm a afirmação de sua identidade humana. Havia também o sentido *pedagógico*, pois, com o rádio, as ouvintes aprendiam, e esse aprendizado não era apenas formal ou pontual, através de notícias ou de eventos, mas humano e “total”, responsável por uma conscientização mais ampla do mundo e da vida. Outro sentido, típico das lembranças do passado, era o de *ritualização*. O ato de ouvir rádio era evento raro e excepcional à vida, caracterizando-se assim como um momento mágico e marcante, no qual boa parte da família e amigos se reuniam apenas para escutar a programação. No presente, entretanto, dada a rotineira presença do rádio na vida das ouvintes, perdeu-se o sentido ritualístico, tornando-se a audição um fato cotidiano. Por fim, o sentido de *comunhão*, porque o rádio é também um unificador e integrador dos espaços sociais ocupados e vividos por suas ouvintes.

Em uma estratégia metodológica de longo alcance, uma década depois, outra dissertação, “Relações de solidariedade: rádio e audiência popular” (MORAGINSKY, 2010), tomou por base a pesquisa de Grisa (1999), em um esforço de propor uma análise longitudinal, estudou o sentido mais proeminente detectado por ele. Assim, a pesquisa explorou as relações de solidariedade entre receptores e o mesmo programa, comandado, então, por outro comunicador, recuperando a análise do sentido cultural da noção de solidariedade explorada na pesquisa original.

Entre as duas pesquisas acima, a dissertação “Trajetória dos receptores: histórias de vida e resgate das mediações” (GUERIN, 2000), mesmo sem foco no rádio, mostra que ele fazia parte da memória de dois idosos, cujas histórias de vida foram exploradas para verificar as práticas midiáticas realizadas durante suas trajetórias. Para os entrevistados, entre outros aspectos, o rádio conectava várias temporalidades, a que viviam no interior do Rio Grande do Sul à nacional e à internacional, através das notícias que recebiam. Era a forma de situarem-se nos acontecimentos que extrapolavam seu universo isolado na zona rural, no início do século XX.

Por fim, como parte de uma pesquisa integrada (JACKS; MORIGI; OLIVEIRA, 2012), em “O rádio como monitor do trânsito, termômetro e cronômetro da cidade” (GOLIN, 2010) foram analisados seis programas de emissora porto-alegrenses, os quais, na sua condição ubíqua de serviço e companhia, atuavam como guia da mobilidade física dos receptores. Linguagem temporal e sem parâmetros estáticos, o



rádio funciona em tempo real e cumpre a função de termômetro e cronômetro da cidade. Desvela a condição de metrópole, mas também o tempo lento do bairro<sup>12</sup>.

Foram essas experiências e os dados revelados pelas análises realizadas que fizeram a conexão com a reportagem em questão, especialmente em relação a alguns sentidos que coincidem, e com a performance radiofônica pautando os tempos da vida e do cotidiano.

A seguir, são apresentados depoimentos colhidos na reportagem de ZH, a partir dos quais tecerei comentários a partir da reflexão sobre os sentidos da escuta (GRISA, 1999; MORAGINSKY, 2010), das memórias radiofônicas (GUERIN, 2000) e da programação radiofônica local (GOLIN, 2010).

### **Pacientes com Covid-19: a companhia do rádio no CTI**

A reportagem de ZH relata a experiência de quase seis meses de presença do rádio no CTI do HCPA. Para tal, os repórteres permaneceram quatro horas na Unidade C, quando entrevistaram algumas pessoas da equipe, realizaram “uma breve roda de bate-papo” para capturar as lembranças de alguns pacientes da unidade de internação, e observaram “os radinhos em ação”, ou seja, visitaram os dez boxes de internação da Unidade, para registrarem sua presença e utilização. Guardando fortemente as devidas proporções, as diferenças de abordagem e os objetivos perseguidos, os procedimentos adotados pela equipe de reportagem remetem a alguns movimentos feitos pela etnografia, como método e técnica de pesquisa: entrevistas, conversas informais, observação e registros fotográficos para descrever espaços e ações. No campo acadêmico, em casos semelhantes, ou seja, de procedimentos laxos devido a situações impeditivas, falta de tempo ou em contextos de difícil imersão, Antônio La Pastina<sup>13</sup> nomeia a estratégia de “etnografia aguada”. O autor propõe essa denominação a partir do cenário da pesquisa em comunicação, área onde atua, pois observa que as etnografias realizadas no campo muitas vezes não a tomam com a densidade e profundidade necessárias, pelos motivos acima comentados ou por inabilidade do

<sup>12</sup> Além dessas pesquisas empíricas, nos volumes I, II e III de Meios e Audiências (JACKS et al., 2008, 2014, 2017) foram analisadas as pesquisas sobre recepção de rádio defendidas nos PPGCOMs brasileiros.

<sup>13</sup> Em palestra proferida no PPGCOM/UFRGS em 18 de maio de 2004: “Etnografia e a relação entre mídia e audiência”.



pesquisador, cuja formação nem sempre contempla o preparo para o trabalho de campo.

O primeiro movimento da reportagem foi contar como foi a introdução do primeiro radinho no ambiente hospitalar, trazendo o relato da enfermeira que teve a ideia de levá-lo, a qual reproduziu o momento de sua chegada: “Bom dia. Vamo se animar!” (sic), dirigindo-se a um paciente que foi hospitalizado em estado gravíssimo e que estava em lenta recuperação, tendo que reaprender muitas ações da fase infantil, como engolir. A enfermeira relembra que sintonizou o aparelho em uma música sertaneja e começou a dançar com uma colega à vista do paciente, o qual mudou radicalmente de ânimo, conta a reportagem.

Um dos sentidos identificados na pesquisa de Grisa (1999), o *lúdico*, mostra semelhança com a situação vivida pelo paciente, uma vez que corresponde à sensação de alegria e de diversão, papel desempenhado pelo rádio quando a situação tornava-se adversa na vida das mulheres por ele entrevistadas, com o objetivo de conhecer suas histórias de vida e a presença do rádio nessa trajetória.

A partir daquele primeiro momento, segue o relato da reportagem, o rádio passou a ser encarado como uma ferramenta terapêutica, pois “conquistou a fama de impulsionar a melhora e promover alta breve para quem desfruta de seu cardápio musical e noticioso” (Caderno DOC, ZH, p. 7). Entre os membros da equipe passou a ser chamado de “radinho da alta”, pois ele tanto elevava o ânimo e a disposição através da música, quanto situava os pacientes nos acontecimentos do mundo fora do hospital, através das notícias. Duas funções detectadas nas entrevistas dos profissionais a ZH, e que também foram encontradas nas pesquisas tomadas como referência para estabelecer um vínculo teórico entre as duas situações.

Outros aparelhos chegaram ao CTI com o sucesso do primeiro, e viraram companhia nas áreas de isolamento, onde familiares não podiam entrar. De acordo com uma das entrevistadas da equipe, “têm se provado benéficos, especialmente, para aplacar sinais de humor deprimido ou ansiedade”. E, segundo a psicóloga do CTI, “O rádio é o meio mais eficaz para conectar as pessoas, é uma companhia, é fácil de levar junto” (Caderno DOC, ZH, p. 9), argumento que vai ao encontro do estudo de Grisa, o qual verificou que um dos sentidos dados a ele, o da *parceria*, surgia nos momentos de solidão e desamparo, quando as mulheres não tinham com quem conversar e a quem recorrer. Esse sentido está muito conectado com o *lúdico* e o *afetivo*, esse último



promovido pela linguagem emocional e íntima do rádio e pela proximidade que locutores e apresentadores estabelecem para vincular sua audiência.

A reportagem registrou que, no caso de pacientes muito debilitados, que não conseguiam segurar o celular, o rádio foi a única possibilidade de contato com o mundo exterior. “Estamos falando da possibilidade de conexão com o mundo externo, algo que A Covid-19 tirou dos pacientes”, diz a referida psicóloga. Ela usa a metáfora do futebol para descrever a capacidade do rádio de trazer o mundo externo para dentro do hospital e situar os pacientes: “O narrador de um jogo de futebol precisa contextualizar, colocar o ouvinte dentro do estádio, uma coisa que acho muito bonita. A ambiência que o rádio oferece também é muito estimulante para o psiquismo” (Caderno DOC, ZH, p. 9).

Os profissionais entrevistados acrescentaram outros benefícios da presença do rádio no CTI, um deles é no processo de saída da sedação, ao ser retirado o ventilador mecânico: “a programação radiofônica ajuda a situar o paciente e pode ser eficaz contra o delirium, síndrome que acomete hospitalizados, afetando o estado mental”. O outro é na reinserção no cotidiano, facilitado pela repetição da hora, data e previsão do tempo.

Essas observações da equipe cuidadora são corroboradas pelo estudo de Cida Golin (2010, p. 74) sobre a relação dos cidadãos com o rádio: “O rádio vive da temporalidade presente e cíclica, refletindo vários tempos possíveis e simultâneos (...). Ela enfatiza (GOLIN, 2010, p. 68) que “o veículo funciona como um relógio das rotinas diárias ao organizar e reproduzir os ciclos e as temporalidades locais (...)”. Ele também remete ao espaço urbano ao explicitar a todo momento desde onde as próprias emissoras transmitem as informações, assim como registra o local dos acontecimentos que divulga, entre eles a situação do trânsito. Ou seja, “entre o ponteiro do relógio e os boletins meteorológicos, são frequentes as narrativas sobre o trânsito” (GOLIN, 2010, p. 70), além de “uma perspectiva cartográfica de suas ruas e cruzamentos, de entrada e de saída da cidade” (GOLIN, 2010, p. 71). Assim, ele traça “paisagens da cidade sonorizada pelas narrativas radiofônicas” porque “a proximidade estabelecida pelo rádio com seu território oferece uma perspectiva múltipla do espaço urbano” (GOLIN, 2010, p. 73).

Guerin (2000), em seu estudo sobre a memória midiática carregada por seus entrevistados, identificou outra qualidade do rádio no que tange às temporalidades que conecta, vinculando os diferentes tempos da vivência individual e social. O que



também pode ser percebido na situação de internação, um processo de tempo lento em contraste com a velocidade da vida lá fora, pautada pelo rádio, o que não deixa de ser uma forma de manter os pacientes no ritmo dos acontecimentos extramuros.

O segundo movimento da reportagem foi obter informações diretamente com os pacientes que contaram suas lembranças e impressões sobre a recente relação com o rádio: sensação de voltar à vida ao ouvir sons conhecidos; acompanhamento e compartilhamento, com a equipe e pacientes, de informações sobre os desdobramentos da pandemia e sobre o desenvolvimento das vacinas<sup>14</sup>; conexão com o mundo espiritual ao acompanhar programas religiosos<sup>15</sup> e audição de músicas prediletas que fazem parte de seu repertório afetivo<sup>16</sup>. O papel da música foi destacado também por um homem de meia idade que, estando desenganado, recuperou-se, e relatou que ela soava “como se fosse um segundo oxigênio. Ela te alavanca, afasta a tristeza” (Caderno DOC. ZH, p. 8).

O relato dos pacientes traz à tona vários sentidos detectados por Grisa em sua pesquisa: os já citados *parceria, afetivo e lúdico*, os quais mantêm relação estreita entre si, acrescentados do que foi nomeado por Grisa de *segurança ontológica*, com o qual as ouvintes obtinham a afirmação de sua identidade humana. No caso dos pacientes com Covid-19, é possível ampliar esse sentido agregando o vislumbrado por eles na sua relação com a vida e a morte, situação vivenciada dentro da CTI no período de tratamento.

Identifica-se também o sentido *pedagógico* (GRISA, 1999), como no caso do paciente que acompanhava as notícias sobre as vacinas e o desenvolvimento da doença, e de maneira mais ampla sobre o mundo e os acontecimentos da vida fora do hospital, os quais eram comentados com a equipe e outros pacientes próximos.

Por fim, o sentido de *comunhão*, que no estudo citado (GRISA, 1999) deve-se ao rádio como unificador e integrador dos espaços sociais ocupados e vividos pelas ouvintes, o qual no contexto da reportagem remete-se à audição compartilhada no cenário e drama hospitalar, que envolvem a equipe e os demais enfermos.

Entre os sentidos observados por Grisa e não identificados nos dados da reportagem está o de *ritualização*, relativo às atividades e práticas cotidianas que são

---

<sup>14</sup> Depoimento de um idoso.

<sup>15</sup> Uma paciente associou a audição de um hino religioso com o anúncio de sua possível alta no dia seguinte.

<sup>16</sup> Um músico ouvia os Ramones.



pautados pelo rádio, o que no caso da hospitalização aponta para seu contrário, ou seja, a quebra total da vida e dos ritmos cotidianos, o que acaba potencializando os demais sentidos.

Por outro lado, o sentido da *solidariedade*, o mais destacado na pesquisa daquele pesquisador, e que foi explorado por Moraginski (2010) dez anos depois, dizia respeito ao programa analisado, que conclamava os ouvintes a serem solidários com os necessitados que recorriam ao programa em busca de ajuda de todas as naturezas. De outra forma, esse sentido revela-se no ato da enfermeira de levar o rádio para a CTI, compartilhando sua experiência, penalizada com a situação precária e angustiante dos internados. A solidariedade, nesse caso, não ocorre através da programação do rádio, mas simplesmente pela presença do aparelho como “ferramenta terapêutica”, como foi nomeado pela equipe hospitalar.

Por último, no processo de observação do ambiente, ao visitar a ala dos acamados, os repórteres dizem que o radinho foi visto como exercendo seu papel de animador dos internados. Uma das pacientes ouvia a música que tocava na emissora sintonizada<sup>17</sup>; ao lado, o paciente pediu para sintonizar na emissora que costumava ouvir no carro; outro pediu para ser colocada uma música mais tranquila, entretanto optou por um programa de esporte enquanto o atendente buscava a sintonização solicitada.

Aqui, pode-se ponderar sobre as características de exposição ao meio, em situações ordinárias, tanto quanto sobre os hábitos de consumo radiofônico. Em geral, o rádio acompanha as rotinas diárias como pano de fundo das atividades, se dá raramente à noite quando a TV assume o protagonismo, e a atenção, diferentemente dos outros meios que a exigem, não é total, ela é seletiva e, na maioria das vezes, descentrada. Isso não corresponde nem à situação extraordinária vivida pelos pacientes, nem ao estudo de Guerin (2000), que resgatou memórias do tempo em que o rádio reunia as pessoas para escutar a programação, produzindo o que Grisa chamou de sentido *ritualístico*, mas que já não ocorre devido a muitos fatores, que vão da introdução de novos meios às mudanças de hábitos dos receptores.

---

<sup>17</sup> No *Diário do Front* do dia 26 de maio de 2021 (ZH, p. 22), a enfermeira Isis Marques Severo, a mesma da reportagem aqui analisada, fez o seguinte relato: “Em uma noite recente, por volta das 23h, esse paciente escutava Beatles e sacudia as pernas, dançando na cama. A cena emocionou todos na unidade e repercutiu positivamente. A nossa UTI é embalada ao som de vários rádios doados. Cenas como essa dão esperança para seguir na luta diária”. No dia 4 de agosto do mesmo ano, o jornal publicou uma matéria (p. 20) sobre a alta desse paciente do hospital depois de 119 dias de internação, na qual relata que sua perna balançando ao som dos Beatles viralizou nas redes.



Destaca-se aqui os sentidos estudados por Grisa que se configuravam diferentemente no passado, presente e futuro das receptoras, o que vai ao encontro do que defende Orozco (1996) quando afirma que a recepção é um processo histórico, que muda com as etapas da vida dos sujeitos, além de acompanhar situações contextuais de suas trajetórias. Nesse processo todo, é preciso reconhecer que não nascemos audiência, nos tornamos à medida que nos relacionamos com meios, gêneros e programas e que os inserimos na nossa vida como elementos configuradores de parte de nossas práticas cotidianas. Para Orozco, o receptor “no nace, sino se hace” (1996, p. 32).

A partir desse cenário teórico-empírico, que remete a alguns pressupostos sobre o processo e as práticas de recepção, no caso em questão, não fosse a dificuldade de obtê-los, seria muito rico conhecer a situação de cada internado para identificar sua relação com o rádio. Que levaria no primeiro caso a paciente a deixar-se levar pelo que estava sintonizado? Seria essa uma prática sistemática ou foi determinada pelas circunstâncias? Em outra etapa de sua vida foi diferente? Em qual e por que? Talvez nunca saibamos. Quanto aos outros casos, parece tratar-se de radiouvintes com hábitos mais consolidados ou com o ânimo melhor no momento para buscar suas preferências. De qualquer forma, o rádio estava lá para lhes fazer companhia.

### **Para finalizar**

Começo por dedicar esse texto à enfermeira Isis Marques Severo (ZH. DOC, 2021) que, com um forte sentido de *solidariedade*, e agindo a partir de uma experiência na qual o rádio adquiriu um sentido de *parceria*, o levou para dentro de uma CTI. Em segundo lugar, através do trabalho dos repórteres de Zero Hora, reconhecer a importância da imprensa no registro de todas as agruras pelas quais estão passando nossa população durante a pandemia, através de um projeto de cobertura especial do período pandêmico.

A partir dessas iniciativas, tomei-as como oportunidade para remeter à vivência radiofônica dos enfermos durante o período de internação, dramaticamente entre a vida e a morte, aos quadros teórico-empíricos de pesquisas que ajudei a construir, ao que talvez pudesse agregar outros estudos. A estratégia de revisitar caminhos percorridos para ampliar conhecimento sobre um objeto traz ganhos para o campo ao



---

integrar, contrastar e/ ou complementar dados a partir de diferentes ângulos ou, e em alguns casos, de atualizá-los (ver MORAGINSKI, 2010).

De forma sutil, quis remeter ao debate sobre a pesquisa de campo e às semelhanças percebidas, em alguns casos, entre o etnógrafo e o repórter (ou outros agentes) por parte dos sujeitos observados. No âmbito da inserção do pesquisador em campo, nos estudos de recepção e/ou consumo midiático, é preciso atentar para o fato de que ele é também um receptor, levando a reflexividade a ser pensada em todo o processo. Por outro lado, desnecessário dizer que o que distingue as práticas do etnógrafo das do repórter é o método científico.

Quanto aos depoimentos trazidos pela reportagem, acredito que foram reveladores de mais uma faceta que interessa aos estudos de recepção, pois trata-se de uma situação inusitada, fora do âmbito da cotidianidade onde costumam atuar. Aspectos que fogem ao cotidiano pouco ou nada foram explorados nos estudos de recepção e consumo midiático anteriormente analisados (JACKS et al., 2008, 2014, 2017). Análises de situações extremas como essa, aqui minimamente apresentada devido à utilização de dados secundários, são inexistentes nos estudos brasileiros de recepção de rádio<sup>18</sup> e acredito que sobre os meios também.

A pauta desenvolvida pela reportagem de ZH pode servir de insumo para os estudiosos do campo, pois é uma forma de verificar o papel dos meios de comunicação em situações extraordinárias e conhecer os sentidos configurados pela audiência nesses casos, mesmo que de forma indireta e condicionada pela configuração do texto jornalístico, cujo teor não é científico.

---

## Referências

AUYERO, Javier; GRIMSON, Alejandro. "Se dice de mi..." Notas sobre convivencias y confusiones entre etnógrafos y periodistas. In: **Apuntes de Investigación del CECYP**. n.1, p. 81-96. 1997.

GUERIN, Yhevelin Serrano. **Trajetória dos receptores**: Histórias de vida e resgate das mediações. Dissertação de Mestrado. PPGCOM/ UFRGS, 2000.

---

<sup>18</sup> Em relação a públicos com deficiência há um trabalho analisado em JACKS et. al (coord., 2017).



GOLIN, Cida. “O rádio como monitor do trânsito, termômetro e cronômetro da cidade”. In: **Em Questão**. Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Porto Alegre, V.16, N. Especial, out. 2010.

GRISA, Jairo. **Histórias de ouvintes**. A audiência popular no rádio. Itajaí: Univali, 2003.

GUBER, Rosana. **La etnografía**. Método, campo y reflexividad. Buenos Aires: Norma, 2001.

KANTAR IBOPE MEDIA. Target Group Index, São Paulo, jan. 2019-dez. 2020.

JACKS, Nilda (Coord.). **Meios e audiências: A emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. (Coord.) et al. **Meios e Audiências II. A consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre. Sulina, 2014.

\_\_\_\_\_. (Coord.); et al. **Meios e Audiências III. Reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

\_\_\_\_\_.; MORIGI, V.; OLIVEIRA, L. D. de. (Coord.) **Porto Alegre Imaginada**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012.

MORAGINSKI, Adriana Rigo. **Relações de solidariedade: programa comando maior e audiência popular**. Dissertação. Mestrado em Comunicação – PPGCOM/ UFRGS, 2010.

OROZCO, Guillermo. **Televisión y audiências**. Un enfoque cualitativo. Madrid. Ediciones de la Torre/ Universidad Iberoamericana, 1996.

TOALDO, Mariângela; JACKS, Nilda. Consumo Midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. In: RIBEIRO, Regiane. (Org.). **Jovens, Consumo e Convergência Midiática**. Curitiba: UFPR, p. 19-29, 2017. v. 1.

Zero Hora. Amuleto contra o vírus. In: **Caderno DOC.**, Porto Alegre. 6 e 7 fev. 2021.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.